

FEVEREIRO DE 2025 | 1 EDIÇÃO

VOZES DA FMLA

MC Adilsin

Direto das batalhas de rima, Adilsin expressa a vivência do jovem periférico por meio do rap

PÁGINA 10

Todo domingo, a Batalha da Leste reúne a comunidade ao som do rap na Praça do Aquaville

PÁGINA 40

ISSO É BATALHA DE RIMA, NINGUÉM PEITA GUANGUE O QUE VOCÊS QUEREM VER? SANGUE!
SE TU AMA ESSA CULTURA COMO ODEIA A DITADURA, GRITA HIP HOP! HIP HOP!
ISSO É BATALHA DE RIMA O QUE VOCÊS QUEREM VER? SANGUE!
SE TU AMA ESSA CULTURA COMO EU AMO ESSA CULTURA GRITA HIP HOP! HIP HOP
CAMISA COM O ESTAMPO NA MEIA O TITÂNIO, NO PÉ FLACK JACK! MATA ESSE CARA NO TRAP, MATA ESSA MINA NO TRAP!
BATALHA DE RIMA, LAPIDANDO DIAMENTE, O QUE VOCÊS QUEREM VER? SANGUE
ISSO É BATALHA DE RIMA, NINGUÉM PEITA GUANGUE O QUE VOCÊS QUEREM VER? SANGUE!
SE TU AMA ESSA CULTURA COMO ODEIA A DITADURA, GRITA HIP HOP! HIP HOP!
ISSO É BATALHA DE RIMA O QUE VOCÊS QUEREM VER? SANGUE!
SE TU AMA ESSA CULTURA COMO EU AMO ESSA CULTURA GRITA HIP HOP! HIP HOP
CAMISA COM O ESTAMPO NA MEIA O TITÂNIO, NO PÉ FLACK JACK! MATA ESSE CARA NO TRAP, MATA ESSA MINA NO TRAP!
BATALHA DE RIMA, LAPIDANDO DIAMENTE, O QUE VOCÊS QUEREM VER? SANGUE
ISSO É BATALHA DE RIMA, NINGUÉM PEITA GUANGUE O QUE VOCÊS QUEREM VER? SANGUE!
SE TU AMA ESSA CULTURA COMO ODEIA A DITADURA, GRITA HIP HOP! HIP HOP!
ISSO É BATALHA DE RIMA O QUE VOCÊS QUEREM VER? SANGUE!
SE TU AMA ESSA CULTURA COMO EU AMO ESSA CULTURA GRITA HIP HOP! HIP HOP
CAMISA COM O ESTAMPO NA MEIA O TITÂNIO, NO PÉ FLACK JACK! MATA ESSE CARA NO TRAP, MATA ESSA MINA NO TRAP!
BATALHA DE RIMA, LAPIDANDO DIAMENTE, O QUE VOCÊS QUEREM VER? SANGUE

Sumário

10 HIP HOP!
É O QUE EU VIVO

16 ARTE SEM SUJEIRA

20 MULHER
NA CENA

38 ONDE TEM RIMA?

52 DÊ PREFERÊNCIA
AO RAP NACIONAL

26 O RAP NÃO PARA!

40 RAP NACIONAL ATÉ
UMAS HORA

54 PLAYLIST

HIP HOP EM PAIXÃO

Quando foi a última vez que você olhou para o Hip Hop de Londrina? Não como música, mas como uma manifestação cultural que conta histórias e transforma realidades. Quem são os artistas que constroem essa cena? O que move suas criações? E como elas impactam a cidade e as pessoas ao seu redor?

A primeira edição da Vozes da Rua surge para explorar essas questões e destacar quem faz do hip hop uma voz ativa em Londrina. Mais do que um registro, esta revista é um convite para conhecer a força dessa cultura, entender seus protagonistas e valorizar o trabalho que nasce das ruas.

O nome Vozes da Rua reflete o propósito de amplificar aquilo que muitas vezes é silenciado. Cada página desta revista apresenta os MCs, DJs, eventos e coletivos que moldam a cultura hip hop local. E, acima de tudo, é um lembrete de que as ruas não são apenas cenário, mas também palco, inspiração e essência.

Que esta edição seja um convite para enxergar o hip hop com novos olhos, reconhecer os talentos locais e se conectar com uma cultura que é resistência e renovação.

Boa leitura!

Raisa Gonçalves

EXPEDIENTE

Esta revista é um produto jornalístico experimental apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para obtenção do título de bacharel em Jornalismo na Universidade Estadual de Londrina, 2025.

PRODUÇÃO, TEXTO E DIAGRAMAÇÃO

Raisa Moreira Gonçalves

IMAGEM DE CAPA

Jards Fotografia

ORIENTAÇÃO

Prof. Me. Peterson Dias

CONTATO

raisagoncalves10@gmail.com

APENAS UM RAPPER LOCAL 2

O rap alivia a dor
minha alma quer se expressá
faço poesia
porque preciso me libertá
falaram que posso viver disso, então claro que vou tentá
depois vi que o movimento é só uma panela
pronta pra te cozinhá
vão defumar teu sonho eles querem te refogá
sou apenas um rapper local
sem dinheiro pra impulsioná
mas juntei dois meses de grana
e fui pro estúdio gravá
só não dá pra competir
com os playboy do lado de lá
que gravam quando quiser
porque condição o papai dá
vem na favela só pra tirar foto
ou buscar droga pra chapá
não vivem o que noiz vive
da cultura querem se apropiá
porém, tem uma coisa
que o dinheiro não pode comprá
é a vivência de um rapper local
nascido do lado de cá.



POESIA 043
UM LIVRO
DE QUATRO
CAPÍTULOS

MENOR NPR
MENOR NPR
MENOR NPR

É O QUE EU VIVO

Com letras que refletem a realidade de jovens da periferia, Adilsin usa o rap como ferramenta de resistência e expressão

TEXTO POR RAISA GONÇALVES
IMAGENS POR MATHEUS JARDIM

A cena do rap em Londrina tem ganhado espaço e representação, graças a artistas que transformam suas realidades em poesia. Um dos nomes que se destaca nesse movimento é Adilson, vulgo **Adilsin**, integrante do grupo Etnia Rap e do coletivo Freestyle de Rua. Criado na Zona Leste da cidade, ele tem levado sua voz às batalhas de rima, às escolas e aos palcos, mostrando a força do Hip Hop.

Sua trajetória é marcada pela resistência e pela busca por representatividade. "A gente sempre busca algo que fale por nós. No meu caso, o rap foi o que me deu a chance de gritar o que a sociedade insiste em calar", diz Adilsin. O rap é mais do que música: é uma forma de expor vivências, abrir caminhos e dar voz a muitos jovens periféricos que encontram na arte uma maneira de resistir e sonhar.

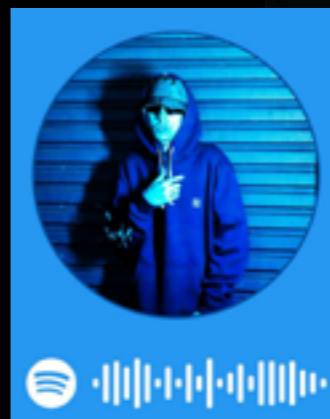
A história de Adilsin no rap começou na antiga Batalha do Antares, na Zona Leste de Londrina, no norte do Paraná onde ele deu seus primeiros passos como MC. "A batalha foi um divisor de águas para mim. Era um espaço onde a gente podia falar o que queria, sem medo de ser julgado. Foi ali que comecei a entender que minha voz tinha poder."

O talento de Adilsin o levou à final da batalha regional, garantindo sua vaga na competição nacional de rap.

"Estar num duelo nacional foi algo surreal. Quando eu cheguei lá, fiquei muito feliz, porque eu pensei: 'Caraca, consegui chegar aqui'. Foi uma parada que eu lutei por muito tempo. É igual quando você trabalha muito para comprar algo que sempre quis. Para mim, foi isso: trabalhei, trabalhei, trabalhei, e cheguei lá."



Adilsin em um ensaio fotográfico especial para divulgar sua música Ciborgue.



OUÇA NO SPOTIFY

Essa trajetória abriu portas, e consolidou sua presença no movimento, marcando um momento significativo em sua jornada.

SOBREVIVÊNCIA DO RAP

“O rap é sobrevivência. Ele me ensinou a ter voz, a questionar o mundo e a nunca aceitar menos do que mereço”, afirma o MC, destacando o impacto do rap em sua vida. Essa visão se reflete de maneira intensa em suas letras, especialmente no single Ciborgue, lançado recentemente. A música aborda as dificuldades que os jovens enfrentam para serem ouvidos em uma sociedade que frequentemente os silencia.

Adilsin compartilha que a criação de Ciborgue foi um processo profundamente emo-

cional. “Eu lembro que eu até chorei alguns versos escrevendo. Não queria postar, estava com medo. Falar sobre nossas fragilidades é muito difícil, ainda mais expor isso nas redes sociais, onde tudo é gigantesco”, revela.

A insegurança inicial deu lugar a um sentimento de libertação quando, após um tempo, ele finalmente tomou coragem e decidiu compartilhar sua música autoral. “Eu postei meio que aleatoriamente, só coloquei uma legenda simples e pedi para o pessoal prestar atenção nela. Era algo muito pessoal, mas sabia que a música tinha um poder incrível que realmente poderia tocar outras pessoas”, diz Adilsin, explicando como a música surgiu de um lugar muito profundo de sua alma.

“SE ATRAVÉS DO RAP EU CONSEGUIR TRAZER ESTRUTURA, INFORMAÇÃO OU ATÉ INSPIRAÇÃO PARA ALGUÉM, SEI QUE ESTOU DANDO UM GRANDE PASSO.”



A profundidade emocional e a busca por liberdade expressas na letra carrega a essência do rap, traduzindo vivências e emoções de quem enfrenta desafios cotidianos. “Acredito que essa música tem o poder de alcançar mais pessoas e libertar mais almas. Foi isso que eu senti quando terminei de escrever.”

A habilidade de Adilsin em traduzir a realidade crua em versos impactantes tem fortalecido sua posição como uma das vozes mais autênticas da cena local. Com uma lírica afiada e versátil, ele vem conquistando espaço no rap, sempre fiel à sua essência de resistência e luta.

ETNIA RAP

Adilsin integra o grupo Etnia Rap, formado por jovens de Londrina com o propósito de criar músicas que expressem a identidade do Hip Hop. O grupo foi uma importante referência para Adilsin desde a adolescência, quando ele acompanhava os primeiros shows e apresentações do Etnia. Naquele período, o grupo já chamava atenção no cenário local, realizando pocket shows em diferentes espaços e ganhando destaque nas batalhas de rima. “Eles já eram uma referência dentro da área, eu via eles fazendo pocket shows, e foi aí que eu comecei a me inspirar.” Foi nesse

ambiente que Adilsin, ainda no início de sua trajetória no rap, conheceu os integrantes do grupo Etnia: Coiote, Calebe, Fábio e Jefinho. Após se destacar nas batalhas de rima, ele recebeu o convite de Coiote para integrar o grupo, uma chance que simbolizou não apenas o avanço de sua carreira, mas também a realização de um sonho compartilhado.

Com o tempo, o grupo passou por transformações, e a formação atual do Etnia Rap conta com Adilsin e Tuga. Juntos, eles mantêm viva a essência do grupo, contando com o suporte fundamental do fotógrafo Jards e do produtor FG, que fortalecem o trabalho do Etnia. “Fiquei muito feliz de continuar a história deles. Quando o Coiote falou que estava saindo, ele me disse: ‘Eu acredito que vocês estão prontos para continuar o trabalho do Etnia’. Isso foi uma honra.”

FREE STYLE DE RUA

Adilsin destaca a importância do projeto Freestyle de Rua, que leva o hip hop e a arte para escolas e universidades. “É um projeto que é muito importante para minha vida, porque me ensinou muito sobre rap e sobre a vida. Eu tinha várias limitações, e consegui aprender a superar essas limitações. Levar o hip hop para lugares onde muitas vezes as pessoas não nos veem é uma oportunidade incrível de trazer uma mensagem de incentivo e mostrar como a arte pode transformar e salvar vidas”.

Ele também ressalta o impacto crescente do projeto na cidade e como essa iniciativa tem sido um passo importante dentro do movimento hip hop. Levar o hip hop para as escolas e universidades fortalece a cultura, mas também serve como uma forma de inspiração para as novas gerações.

HIP HOP CRESCE NUNCA PARA

Adilsin se tornou uma referência para muitos jovens no rap e hip hop, destacando-se por suas rimas, coragem e determinação, sempre reforçando que o mais importante é começar e acreditar no próprio potencial.

“Tenha coragem”, ele diz com convicção. “Se você tem algo dentro de você que te faz querer estar ali, vá. Não ligue para os olhares, para o que dizem. Faça por você, porque ninguém vai fazer por você. O começo é o mais importante. Se seu sonho é batalhar, vai para as batalhas. Se é escrever, escreva. O rap é feito de coragem e persistência”, ele afirma, lembrando de sua própria trajetória.

Adilsin exemplifica como o hip hop é mais do que um movimento cultural; é uma ferramenta de transformação pessoal e coletiva. Sua história é um reflexo do que significa lutar pelos próprios sonhos, enfrentando obstáculos e aproveitando as oportunidades. Para ele, o rap é uma cultura que nunca para de crescer, e a cada passo dado, ele mostra que a voz da periferia pode, sim, ser ouvida e respeitada.





Coletivo Máfia após sua apresentação na Virada Cultural LGBTQIAPN+.

ARTE SEM SUJEIRA

Coletivo transforma a cena cultural ao cria um espaço seguro e inclusivo para corpos marginalizados

TEXTO POR RAISA GONÇALVES

No cenário do hip-hop, reconhecido por ser um espaço de lutas e resistências, nem todos os corpos encontram acolhimento. Em Londrina, o Coletivo Máfia surge como uma resposta a essa exclusão. Formado por **Ligia Braga, Preta Mar, Dayo e Venezian**, o grupo transforma a arte em uma ferramenta de resistência, destacando mulheres, pessoas trans e outros corpos dissidentes. Mais que um coletivo, o Máfia é um movimento que ressignifica o hip-hop local.

O Coletivo Máfia surgiu de uma necessidade urgente: criar um espaço onde identidades marginalizadas pudessem existir sem serem invisibilizadas ou silenciadas. “Sentíamos que os espaços de hip hop não eram para nós”, relembra Ligia Braga, uma das fundadoras. Diante dessa exclusão, as integrantes decidiram agir, criando um ambiente seguro para que pudessem se expressar livremente.

Desde sua formação, a Máfia se destaca pela promoção de eventos, oficinas e encontros culturais que integram arte, educação e justiça social. O coletivo tem ampliado o protagonismo de mulheres e pessoas dissidentes no movimento hip hop, ao mesmo tempo em que questiona as estruturas de opressão que ainda permeiam esses espaços.

BATALHA DAS MINA

Entre as iniciativas do Coletivo Máfia, a Batalha das Mina se destaca como um espaço de resistência. Realizada todas às quartas-feiras, na Rua Argentina, 693, a batalha é mais do que um simples evento de hip hop: é um ambiente seguro, inspirador e acolhedor para mulheres e corpos dissidentes se expressarem e se fortalecerem plenamente.

“No início, éramos apenas duas ou três mulheres rimando. Hoje, conseguimos

formar uma chave inteira só com minas”, celebra uma das participantes, destacando o crescimento do evento.

A batalha se configura como um palco pensado para amplificar vozes historicamente silenciadas e criar oportunidades de expressão genuína. “Aqui, é possível se expressar de verdade. Nosso objetivo é garantir que todos tenham um espaço para compartilhar suas histórias e talentos, sem medo de julgamentos”, explica Preta Mar, uma das integrantes do coletivo.

Além das batalhas individuais no formato “sangue” 1x1, o evento promove duelos em dupla e abre espaço para a recitação de poemas, reforçando o vínculo entre arte e resistência. A Batalha das Mina não só amplia a representatividade feminina no hip hop, mas também inspira autoconfiança em muitas artistas. “Meninas que nunca subiram em um palco encontram aqui a coragem para começar. Agora, elas ocupam lugares que antes pareciam impossíveis”, destaca Venezian.

DESAFIOS

Embora o Coletivo Máfia tenha alcançado avanços significativos, o caminho da resistência ainda é repleto de desafios. As batalhas, realizadas em praças públicas, sofrem com a falta de infraestrutura adequada. “Por anos, buscamos apoio da prefeitura, mas foi só depois de muita pressão que conseguimos a ajuda do PROMIC”, relata Ligia Braga.

Outro obstáculo constante é a presença de agressores nos espaços públicos. “Não temos autoridade para expulsá-los das praças, a presença deles afeta profundamente o ambiente. Muitas de nós já enfrentamos crises de ansiedade em função disso”, compartilhou Preta Mar.

Além dos desafios estruturais, o Coletivo Máfia também luta contra a invisibilidade institucional. “Ainda somos rotuladas como histéricas ou agressivas, enquanto homens que disseminam discursos de ódio são frequentemente legitimados. Mas isso não nos detém. Continuamos a reescrever nossas narrativas e a ocupar nossos espaços com resistência”, afirma Dayo.

RESISTIR É VIVER

O Coletivo Máfia tem se destacado não apenas por desafiar as estruturas tradicionais, mas também por transformar a cena cultural de Londrina. “Já vimos MCs que antes reproduziam machismo mudarem de postura depois de participarem das nossas batalhas. Isso mostra o poder transformador da arte”, observa Venezian, uma das integrantes.

A atuação do coletivo vai além das ba-

talhas de rima. Mulheres que antes estavam à margem do hip-hop agora se tornaram protagonistas da cena local. “Aqui, a rima vai além da arte; ela é um meio de expressarmos nossas vivências. Isso transforma tanto quem sobe no palco quanto quem está assistindo”, afirma Venezian.

O Coletivo Máfia tem sido fundamental na promoção da dignidade e liberdade para corpos marginalizados em Londrina. “Queremos viver da nossa arte, mas sem apagar nossas histórias”, diz Ligia. Com um trabalho contínuo e crescente, o grupo segue ampliando seu impacto cultural e fortalecendo vozes antes silenciadas. “Criamos isso para nos salvar e abrir caminhos para quem vier depois de nós. Nosso maior sonho é ver mulheres negras, pessoas trans e outros corpos dissidentes ocupando espaços com respeito e liberdade”, concluem as fundadoras.



Imagem: Raissa Gonçalves

Batalha da Máfia, realizada em parceria com o Sarau Pet Saúde e Equidade da UEL.

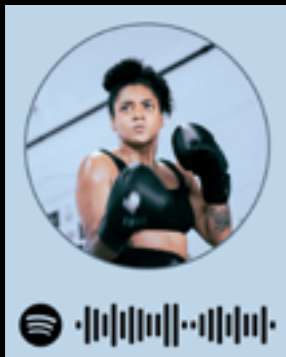


Imagem: Denise Pimenta

Registros da primeira edição da Batalha das Minas.



MULHER NA CENA



OUÇA NO SPOTIFY

Com mais de 10 anos na cena do Hip Hop, Ligia Braga conta como o Rap transformou sua vida

TEXTO POR RAISA GONÇALVES
IMAGENS POR DENISE PIMENTA

MC Cleópatra, nome artístico de Ligia Braga, 23 anos, é uma artista que vive a música de forma visceral. Vice-campeã Estadual de Rimas do Paraná, DJ, produtora cultural e arte educadora, Cleópatra usa sua arte como uma ferramenta de transformação. No rap, um universo ainda marcado por desafios e desigualdades, ela desafia estigmas e promove inclusão, para mulheres, pessoas LGBTQIA+ e grupos que vivem à margem da sociedade.

Nessa entrevista, Cleópatra compartilhou sua trajetória e refletiu sobre as barreiras que enfrentou no rap, um espaço historicamente masculino, mas que ela ajuda a transformar. A artista também ressaltou a importância dos coletivos culturais e dos projetos sociais, que amplificam vozes como a sua e abrem caminhos para quem ainda busca seu espaço. Para Cleópatra, o rap é resistência, inspiração e uma ferramenta de transformação real.

Cleópatra durante sua apresentação marcante na Parada Cultural LGBTQIAPN+ de Londrina, em 2022.



"O PAPEL DA MULHER DENTRO DO HIP HOP E NAS BATALHAS DE RIMA É, ANTES DE TUDO, CONTESTAR PARADIGMAS E DESAFIAR OS ESTIGMAS IMPOSTOS."

Vozes da Rua: É um prazer conversar com você, Cleópatra. Para começar, você poderia nos contar sobre como foi o seu primeiro contato com o rap e como essa trajetória se desenvolveu até aqui?

Cleópatra: Meu nome é Lígia Maria Nascimento Braga, mas no cenário artístico sou conhecida como Cleópatra. Tenho 23 anos e sou natural de Londrina, onde atuo como MC, DJ, produtora cultural e arte educadora, nas áreas do hip hop e das batalhas de rima. Além disso, sou estudante de Psicologia na Universidade Estadual de Londrina.

Comecei a me envolver com as batalhas de rima em 2016, inicialmente como ouvinte, e desde 2019 participei ativamente como competidora. No final de 2019, ingressei em um projeto social de arte educação, voltado para a cultura hip hop e o freestyle de rua, e desde então também atuo como arte educadora.

VDR: Como você define o papel das mulheres nas batalhas de rima? E como é para você, enquanto mulher, fazer parte desse movimento?

Cleópatra: Na minha visão, a batalha de rima, assim como qualquer outro espaço competitivo, reflete a realidade da nossa sociedade. Vivemos em uma sociedade estruturalmente machista e misógina, que violentamente discrimina as mulheres pelo gênero. Infelizmente, a batalha de rima não está fora desse contexto. Embora seja um movimento cultural que surge das periferias e da população preta, ainda é um espaço onde as mulheres sofrem violência simbólica e real.

Quando comecei a batalhar, percebi que os estigmas estavam mais visíveis. Hoje, as falas e posicionamentos são mais sutis, muito por conta da evolução do público que frequenta as batalhas. Em Londrina, a cena de batalhas sempre foi um pouco



Cleópatra rimando na primeira edição da Batalha das Minas.

menor comparada ao cenário nacional, e o número de mulheres era muito reduzido. Aqui havia apenas duas outras meninas que rimavam e ambas eram "masculinizadas" pela percepção geral das pessoas. Elas eram homoafetivas e não se vestiam de acordo com os padrões tradicionais de feminilidade, o que as tornava mais aceitas naquele ambiente.

Já eu, desde o início, ouvia muito que era "uma menininha". Esse tipo de ataque, ligado à minha aparência e à forma como eu me apresentava, era algo muito presente. A ideia de ser vista como "menos capaz" só por ser mulher e por não seguir certos padrões sempre foi um desafio constante.

O papel da mulher dentro do hip hop e nas batalhas de rima é, antes de tudo, contestar paradigmas e desafiar os estigmas impostos. O movimento hip hop, embora tenha sido criado com a partici-

pação das mulheres, nunca foi pensado para elas. Foi criado por e para o povo preto, mas não para as mulheres.

VDR: O que representa ser um MC no contexto social e cultural atual? Como você descreveria o impacto e a responsabilidade desse papel dentro do movimento Hip Hop e na sociedade em geral?

Cleópatra: Ser um MC nas batalhas de rima é ser um artista independente, lutando incansavelmente para fazer isso dar certo. Eu vejo a batalha de rima como uma competição, não apenas uma manifestação artística. É como um jogo, seja de futebol, xadrez ou qualquer outra competição – a gente compete porque há algo a ser conquistado, uma possibilidade de transformação na nossa vida. Ser MC é acreditar tanto no seu sonho que você não consegue parar, mesmo com todas as incertezas.



Recentemente, estava conversando com uma amiga sobre a dificuldade de não saber o que o futuro nos reserva. Às vezes, a gente dedica tanto tempo e esforço a algo e não sabe quando ou se isso vai gerar retorno. Mas eu acredito que viver com arrependimento por não ter tentado é muito pior do que não ter conseguido. No processo, a gente conquista muitas coisas, mesmo que o retorno financeiro ou a visibilidade não aconteçam de imediato.

Ser um MC de batalha hoje em dia é viver nesse limiar – com a esperança de que amanhã pode ser o dia em que tudo vai dar certo, mas focando no agora, no que você está fazendo nesse momento. Não se trata de competir pelo amanhã, mas de viver e se entregar ao processo. Eu já conheci muitos artistas incríveis que nunca chegaram ao holofote, mesmo com um talento imenso. Então, o importante é viver o processo da batalha, porque é isso que molda a jornada, não o futuro incerto.

VDR: Além das batalhas de rima, você também integra o coletivo Máfia e o Freestyle de Rua. Na sua visão, qual é a importância dessas iniciativas para a comunidade, e de que forma elas influenciam a sua trajetória pessoal?

Cleópatra: Eu vejo que a Máfia e o Freestyle de Rua têm uma grande importância na minha vida, não só em termos de tempo, mas também de energia e dedicação. No entanto, não sinto que seja um esforço perdido. Pelo contrário, vejo muito retorno desses dois coletivos dos quais faço parte. A Máfia foi o primeiro coletivo formado por mulheres pretas para batalhas de rima em Londrina, e talvez no Paraná todo. Essa iniciativa teve um impacto muito significativo, pois além de sermos mulheres pretas, somos também parte da população LGBTQIA+, incluindo pessoas trans e cis, e mulheres envolvidas em diversas outras atividades.

Quanto ao Freestyle de Rua, cada ação e projeto que realizamos me faz ver o verdadeiro sentido do que estamos fazendo. É um projeto de arte-educação onde atuamos ativamente, ensinando crianças e adolescentes da periferia sobre o movimento hip hop e as batalhas de rima. Muitos deles têm pouco ou nenhum acesso à arte educação ou à educação regular, e ao trabalharmos nesse espaço, vemos a transformação acontecer diante dos nossos olhos, criando perspectivas e oportunidades de acesso.

VDR: Como você avalia o papel do poder público no incentivo e no suporte às batalhas de rima e à cultura do Hip Hop? Na sua visão, as ações realizadas até agora têm sido suficientes para fortalecer e valorizar esses movimentos?

Cleópatra: Recentemente, nós da Máfia, fomos contemplados no edital do MIC, do Programa Municipal de Incentivo à Cultura, mas isso é fruto de uma pressão coletiva que durou dois anos. Mesmo assim, eu não sinto que a prefeitura realmente nos apoia. Continuamos sem luz, sem água, sem banheiro. Na semana passada, por exemplo, a polícia veio iluminar a cara de todo mundo, tratando a gente como se fosse um problema para a sociedade. Isso é reflexo de um poder público que se cala e se nega a olhar para o que fazemos.

VDR: Quais são as principais motivações que te impulsionam a permanecer ativa no movimento das batalhas de rima?

Cleópatra: Eu vejo as transformações das pessoas e da cena como um todo. Seja um MC ganhando sua primeira batalha ou a construção coletiva de eventos autônomos, como o Baile da Máfia, tudo isso é extremamente gratificante. Essas conquistas, tanto individuais quanto coletivas, mostram o poder do movimento e como ele realmente transforma vidas. É isso que fortalece e dá sentido para continuar.

BATALHA DE RIMA

NÃO PARA!

As batalhas de rima são mais que simples disputas, são espaços de expressão artística e resistência, onde a cultura de rua se mistura com as lutas sociais e a transformação urbana

TEXTO POR RAISA GONÇALVES

fevereiro 2025 27



WMC e Mano Tiago comandam a primeira edição da Super Concha de Londrina, realizada em 2017

Imagem: Divulgação

O movimento Hip Hop nasceu nos anos 1970, no Bronx, distrito de Nova York. Essa região, habitada majoritariamente por negros de baixa renda, carregava a herança de um passado marcado pela escravidão e pela ocupação em massa dos grandes centros urbanos. Foi nos guetos da cidade que a cultura Hip Hop começou a ganhar forma, conquistando o mundo com seus quatro elementos principais: o DJ, o breakdance, o grafitti e o rap.

As batalhas de rima, uma das expressões mais marcantes do rap, chegaram ao Brasil nos anos 1990, acompanhando a febre das disstracks – faixas musicais criadas para atacar ou criticar algo ou alguém. Com o tempo, essas disputas evoluíram, tornando-se eventos estruturados e ainda mais populares graças às redes sociais.

Hoje, as batalhas de rima são espaços de improvisação onde os participantes, além de atacar seus adversários, abordam temas reais e relevantes, como racismo, pobreza, violência e abuso de drogas. Esse estilo de rima, conhecido como “ideologia”, é mais valorizado do que simples insultos, e promove uma troca de ideias que estimula o crescimento pessoal e artístico dos MCs.

Organizadas de maneira orgânica, mas com regras claras, as batalhas seguem um código moral inspirado na cultura Hip Hop. Isso garante maior liberdade criativa aos artistas e, ao mesmo tempo, evita excessos, como preconceitos e ofensas pessoais. Esses duelos se tornam, assim, um espaço acolhedor, onde todos podem se expressar e crescer, respeitando os valores do movimento.

A ARTE LIBERTA

Uma boa forma de entender a relação entre política e arte está nas rimas improvisadas nas rodas culturais. Nessas rodas, os artistas expressam suas vivências de luta, evidenciando como a ausência de políticas públicas impacta a vida de milhões de jovens que enfrentam as desigualdades do sistema capitalista. Temas como fome, miséria, racismo e drogas são recorrentes nas letras, reforçando a urgência de transformação social – questões que permanecem críticas, mesmo em governos considerados “progressistas”.

A necessidade de novos espaços para expressão artística e a falta de recursos para investir em festas de rap levaram ao surgimento das rodas culturais em ruas e praças. Em Londrina, essas rodas come-

çaram de forma não oficial, mas, em 2007, o ativismo de Washington Luís dos Santos catalisou a criação de um circuito mais estruturado. Hoje, são 15 rodas culturais espalhadas por diversos pontos da cidade, funcionando como redes de artistas independentes – MCs, músicos, poetas, grafiteiros e skatistas – que ocupam os espaços públicos com arte e cultura de forma democrática e interativa.

O projeto Batalhas de Rima é um dos principais braços desse movimento e tem como objetivo central ocupar as ruas, promovendo encontros entre artistas sem reconhecimento da mídia ou de instâncias tradicionais de legitimação. Além disso, busca fortalecer a cena do hip hop, intensificando sua presença, unificando vozes e expandindo suas possibilidades dentro do cenário cultural.



Imagem: Divulgação

PRIMEIRA BATALHA EM LONDRINA

Em 2007, um grupo de amigos apaixonados por rima – **WMC, Mano Thiago, Adriano, Pinduka** e o finado **Melk** – se reuniu com um propósito simples: treinar. Sem grandes ambições, eles encontraram na Concha Acústica da Praça 1º de Maio, em Londrina, o local perfeito para praticar e compartilhar ideias. O movimento também passou por espaços icônicos da cidade, como a Casa do Hip Hop e o bar “Pé na Cova”.

Naquele início modesto, não havia palco, som ou microfones. Um banquinho de madeira servia de plataforma para os MCs se apresentarem. Segundo WMC, “A gente usava um banquinho de madeira como palco e fazia porque eles não podiam impedir a gente de usar o espaço público.” Apesar das condições improvisadas, a Batalha da Concha começou a atrair um público crescente, alimentado pelo entusiasmo de quem via no rap um espaço de liberdade e expressão.

O objetivo inicial era se preparar para campeonatos em cidades vizinhas, como

Maringá e Ponta Grossa, mas rapidamente o evento ganhou vida própria. Em 2010, um patrocinador cedeu um megafone, ampliando as vozes dos MCs para alcançar a plateia que já se espalhava pela praça. Contudo, o megafone logo se mostrou insuficiente frente ao aumento contínuo de espectadores.

Com o crescimento veio também a resistência. A autorização para utilizar equipamentos de som maiores gerou atritos com moradores da região, incomodados com o barulho. As batalhas passaram a enfrentar hostilidade: ovos, tomates, água e até urina foram lançados contra os participantes e organizadores. Apesar disso, o grupo se manteve firme, transformando a batalha em um símbolo de resistência e perseverança.

Hoje, a Batalha da Concha não é apenas uma simples reunião de MCs. Ela se tornou um marco cultural importante de Londrina, provando que mesmo diante de tantas dificuldades, a arte é capaz de ocupar espaços, amplificar vozes e criar uma narrativa para quem é silenciado.

“A GENTE USAVA UM BANQUINHO DE MADEIRA COMO PALCO PORQUE ELES NÃO PODIAM IMPEDIR A GENTE DE USAR O ESPAÇO PÚBLICO.”



Imagem: Divulgação

WMC apresenta a Batalha da Concha, em uma edição, no ano de 2017.

A OPRESSÃO POLICIAL

Desde o seu surgimento, as batalhas de rima enfrentam constantes intervenções policiais e entraves burocráticos que colocam sua existência em risco. A busca por autorizações formais para o uso de espaços públicos gerou conflitos frequentes com a polícia e a prefeitura, especialmente nos primeiros anos, quando os organizadores ainda desconheciam os procedimentos necessários. Sem alvarás ou estrutura adequada, os eventos muitas vezes precisaram ser improvisados em locais alternativos, longe do público desejado.

De acordo com WMC, um dos idealizadores da Batalha da Concha, as represálias da polícia eram constantes e, em alguns casos, violentas: “Os caras já colocaram a arma na minha cara e me levaram preso”. Além da opressão policial, os organizadores também enfrentaram confrontos com moradores locais contrários à realização das batalhas. Em diversos episódios, os participantes foram alvo de agressões verbais e físicas, como ele relembra: “Os caras vinham, chamavam a polícia, a polícia parava a batalha. Os moradores jogavam ovo na gente de cima, reclamavam do barulho. Então, foi difícil”.

Esses conflitos tornaram a realização das batalhas ainda mais desafiadora, dificultando a manutenção no local original, a Concha Acústica. A transferência do evento para o Zerão foi um marco dessa trajetória, simbolizando como os embates políticos e a repressão influenciaram o movimento. Apesar de representar uma alternativa para garantir a continuidade dos encontros, o novo espaço trouxe desafios próprios, como questões de segurança e estrutura.

Para muitos, o alvará é a principal defesa contra ações repressivas, mas obtê-lo não é simples. Como explica WMC: “O alvará é nossa única defesa, porque esse comportamento (da polícia) é frequente. Sabemos que somos vulneráveis, e eles sabem ainda mais. Tirar o alvará é burocrático e difícil para quem organiza batalhas, pois exige deixar o trabalho para ir à prefeitura. Isso nos desgasta, mas tentamos fazer o melhor com o que temos.”.

Apesar de todos os obstáculos, as batalhas de rima continuam a resistir como um espaço vital de expressão cultural e política. Elas simbolizam a luta de artistas que, mesmo sob repressão, transformam as ruas em palcos de resistência e criatividade.

Imagem: Raísa Gonçalves



Arte em grafite no palco do Anfiteatro do Zerão.



Momentos da Batalha da Concha, realizada durante o ano de 2024, no Anfiteatro do Zerão.



MUDANDO DE ENDEREÇO

Em 2017, a Batalha da Concha, já consolidada como marco cultural em Londrina, passou por uma grande transformação. A mudança da Concha Acústica para o Zerão foi mais que logística; tornou-se um marco na trajetória do Hip Hop local, permitindo sua expansão e novos horizontes.

Segundo WMC, um dos organizadores do evento, a decisão foi difícil, mas inevitável: “Precisávamos de um lugar onde pudéssemos crescer e nos expressar sem as constantes interrupções e limitações que enfrentávamos na Concha”. A mudança para o Zerão ofereceu maior capacidade, mas trouxe novos desafios. O espaço, à época, estava em condições precárias: sem energia elétrica, mal iluminado e ocupado por pessoas em situação de rua e usuários de drogas. “Não tinha nada disso, não tinha “super poste”, não tinha luz aqui e não tinha o poste lateral onde a gente usa energia”. relembra WMC.

Apesar das dificuldades iniciais, o novo local se tornou um ambiente fértil para a evolução das batalhas. As limitações foram superadas pela criatividade e pelo esforço dos organizadores e participantes. Mais do que eventos culturais, as batalhas no Zerão se transformaram em espaços de vivência, onde a rua e a ancestralidade se encontraram em rimas cada vez mais inovadoras. Como destaca WMC: “As batalhas de rima vão além de eventos culturais de lazer. São espaços nos quais a vivência de rua mistura nossa ancestralidade à atualidade”.

A transição para o Zerão não apenas garantiu a continuidade das batalhas, mas também trouxe um novo fôlego para o movimento crescer e se afirmar como um dos principais pilares da cultura Hip Hop em Londrina.

EXPRESSION CULTURAL

Uma das melhores formas de se conectar à cultura Hip Hop é estar presente nas rodas culturais e participar ativamente. Esses eventos abertos oferecem oportunidades únicas, como o “mic aberto” – um momento em que, com a permissão dos organizadores, qualquer pessoa pode anunciar projetos, ações ou eventos. Esse espaço é essencial para promover ideias e fortalecer a troca entre os artistas e o público.

Na Batalha da Concha, o “mic aberto” acontece às sextas-feiras, antes das batalhas entre os MCs. O palco recebe pocket shows e apresentações de artistas locais, oferecendo visibilidade a talentos emergentes de diversos estilos musicais. Além do rap, há espaço para outros gêneros, como rock, funk e reggae, enriquecendo a diversidade cultural de Londrina.

Mais do que uma introdução às batalhas, esse momento é crucial para construir uma comunidade inclusiva e dinâmica. Ao abrir o palco para diferentes expressões culturais, a Batalha da Concha transcende os duelos de rima, transformando-se em um grande palco de troca artística e celebração da pluralidade. Essa iniciativa fortalece os diversos segmentos culturais da cidade, promovendo integração e valorização de diferentes formas de arte.

Para o público, participar desses eventos vai além de simplesmente assistir. É uma chance de se conectar com a cultura local, apoiar os artistas da comunidade e contribuir para o dinamismo do cenário cultural. Como explica um dos organizadores: “Esse espaço é mais do que uma apresentação. É onde a arte se encontra e novas conexões nascem”.

A presença do público na Batalha da Concha é essencial para manter o Hip Hop vivo, sendo mais que eventos, mas o coração de uma comunidade que se reinventa pela arte.



O Grupo Ohana Mob apresenta um pocket show repleto na Batalha da Concha.

ONDE TEM RIMA?

De domingo a domingo, é possível encontrar alguma batalha de rima rolando pela cidade de Londrina

TEXTO POR RAISA GONÇALVES

As batalhas de rima são eventos que se renovam a cada edição, fortalecendo a cultura do hip-hop em Londrina. Esse movimento, que cresce cada vez mais no Brasil, encontra na cidade um espaço de criatividade e troca entre artistas e público.

Atualmente, Londrina conta com cerca de quinze batalhas ativas, realizadas de domingo a domingo em praças e outros espaços públicos. Esses encontros são mantidos pela dedicação de organizadores e participantes, que trabalham para garantir que a cena cultural continue viva.

COMO FUNCIONAM AS BATALHAS?

Antes de começar, os MCs se inscrevem no local do evento. Depois, eles são organizados em duelos, onde dois competidores se enfrentam com rimas improvisadas. Cada um tem um tempo para

responder ao adversário ou criar em cima de um tema proposto.

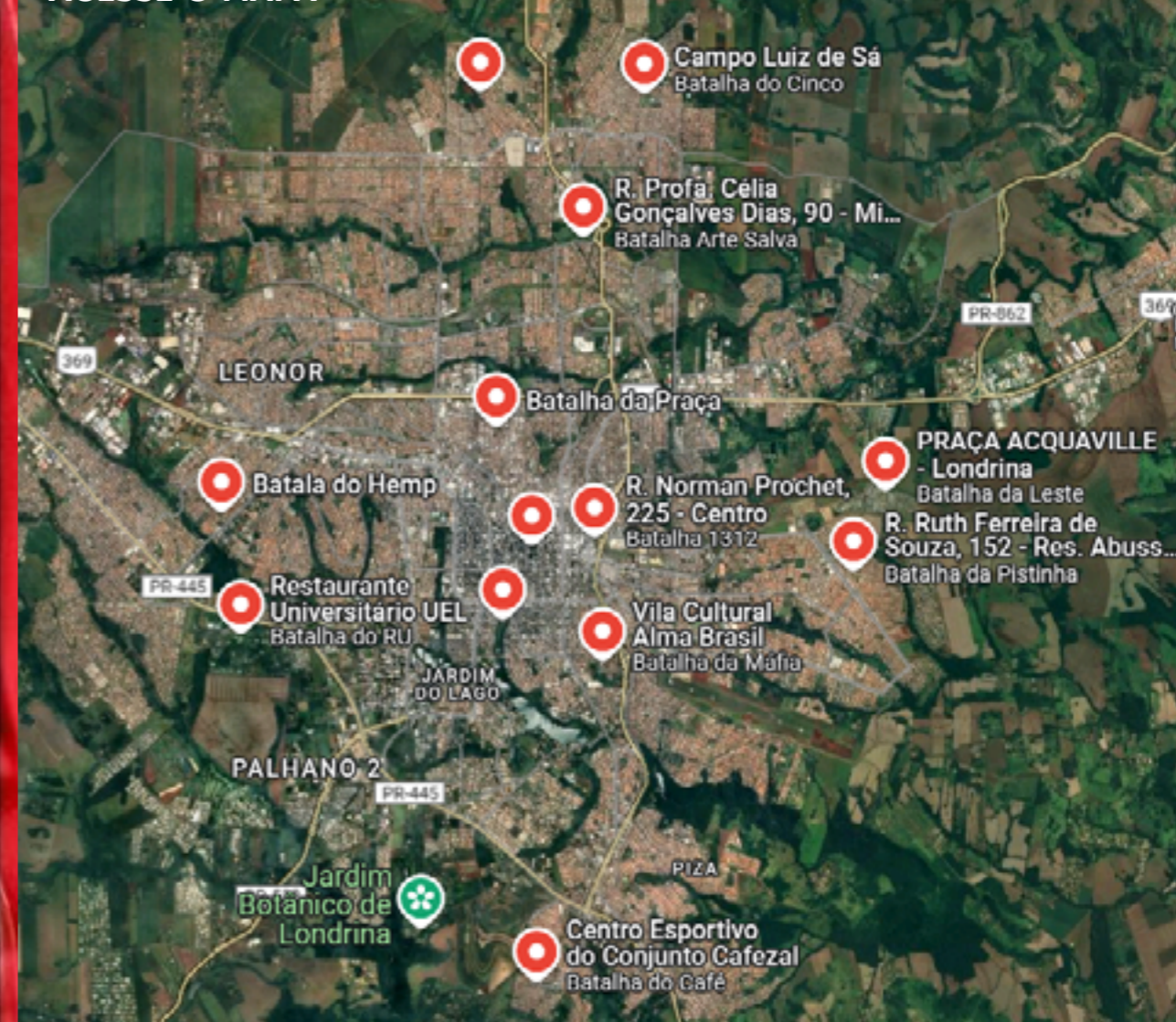
O público é quem geralmente decide o vencedor, com reações e aplausos. Em algumas batalhas, jurados avaliam critérios como criatividade, ritmo e presença de palco.

Mais do que uma competição, as batalhas são espaços para expressão e conexão. Cada rima traz um pouco da história de quem está no palco, tornando o evento único a cada rodada.

ONDE ENCONTRAR?

Se você quer conhecer o hip-hop de perto, é só procurar a batalha mais próxima em Londrina. Esses eventos acontecem quase todos os dias e estão sempre de portas abertas para quem quer assistir ou participar.

ACESSE O MAPA



RAP NACIONAL

ATÉ UMAS HORAS!

Batalha da Leste mantém viva a cultura de rua na zona leste de Londrina

TEXTO E IMAGENS POR RAISA GONÇALVES



OUÇA NO YOUTUBE

Desde 2022, a Batalha da Leste tem sido o ponto de encontro de MCs, fãs de rap e quem tá afim de curtir um bom freestyle. Todo domingo, a partir das 19 horas, a Praça do Aquaville vira palco de uma roda de rima que reúne energia, criatividade e muito talento. Criada de forma espontânea durante a gravação de um clipe, a batalha cresceu rápido e já virou tradição na zona leste de Londrina.

Aqui, a ideia é simples: microfone aberto, respeito na roda e espaço pra quem quer mandar a real nas rimas. Não importa se você tá no corre pra ser MC, se tá ali pra apoiar ou só pra curtir o importante é colar e fazer parte. Além das disputas, a batalha também é um espaço de conexão pra galera trocar ideia, aprender e fortalecer a cena do rap local.

Com uma plateia que vibra intensamente a cada punchline e MCs que chegam com muita fome de vitória, a Batalha da Leste mostra que o rap continua firme, conectando diversas quebradas, ideias e histórias. Aqui, não é só sobre ganhar ou perder – é sobre realmente fazer acontecer.



OS APRESENTADORES ELIABE E BIGODE CHAMAM OS MCS POR NOME PARA INICIAR A BATALHA DA LESTE. NESTA EDIÇÃO FOI REALIZADA AS BATALHAS DE DUPLA ONDE A BATALHA É 2X2.



MCs de diferentes regiões participam das competições semanais, fortalecendo a cena do rap e dando espaço a novos talentos.



O Mc enfrenta seu oponente em uma disputa de sangue, onde a vitória depende de quem mandar as melhores rimas para avançar à próxima fase.



Flavin solta suas rimas na segunda batalha da noite, mostrando criatividade e domínio no improviso.

Jota Xiz e Adilio se enfrentam na batalha de duplas, trazendo intensidade e técnica para a roda. Enquanto Jota solta suas rimas, Adilio, de costas, aguarda sua vez de responder.

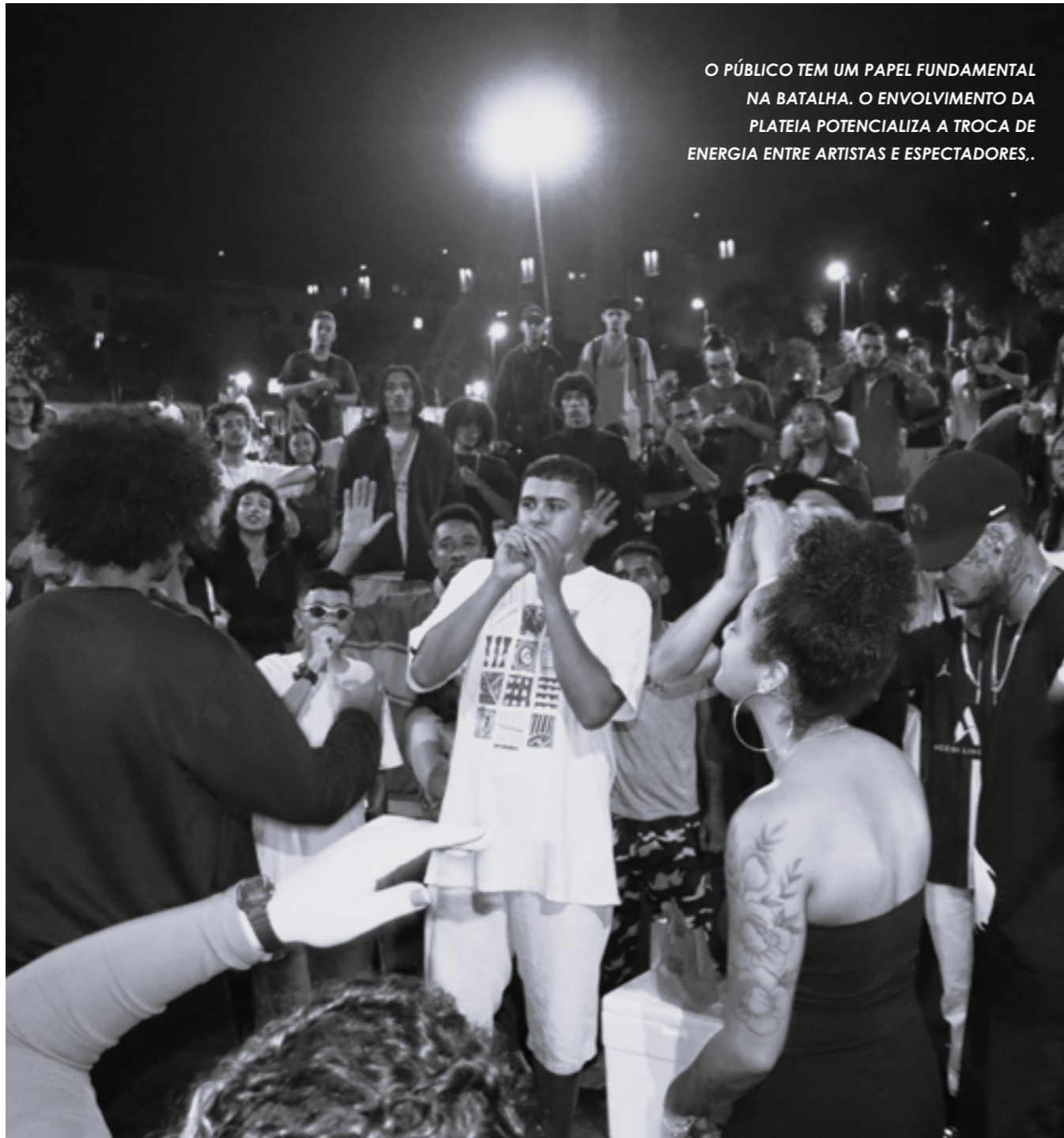


A troca de versos entre os MCs é acompanhada pela interação com o público, elevando ainda mais a intensidade da disputa.



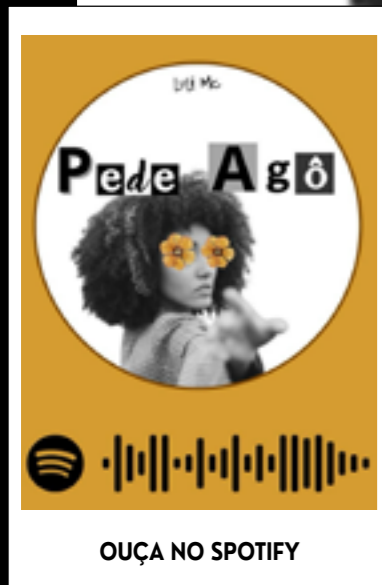
Isa MC mostrando que a roda é pra todo mundo. Cada verso dela é uma prova de que o espaço é de quem tem coragem de rimar e se expressar.

O PÚBLICO TEM UM PAPEL FUNDAMENTAL
NA BATALHA. O ENVOLVIMENTO DA
PLATEIA POTENCIALIZA A TROCA DE
ENERGIA ENTRE ARTISTAS E ESPECTADORES.



MC Ka PR enfrenta MC
Flavin na batalha final. A
disputa reuniu as duplas
MC Cleópatra e Flavin
contra MC Ka PR e Muhai,
com Flavin e Cleópatra
levando a melhor na noite.

Pede Agô



DÊ PREFERÊNCIA AO RAP NACIONAL

Luli une ancestralidade e empoderamento feminino em seu álbum de estreia, Pede Agô

TEXTO POR RAISA GONÇALVES

A busca por uma identidade que mistura ancestralidade e a realidade de uma jovem negra nos dias de hoje se reflete no novo álbum de **Luli**, Pede Agô. Com influências entre drill, trap e afrobeat, a MC de Londrina oferece um trabalho multifacetado, que vai além das batidas e rimas. Ao lado de DJ Samu aka Suguiura, produtor do álbum, Luli explora não só a sonoridade, mas também

um manifesto cultural, político e pessoal. Em “Dandara: A Força”, Luli abre as portas para o que está por vir: uma reflexão sobre a força ancestral, um chamado para as raízes e a busca pela espiritualidade. A letra faz alusão a figuras históricas como Dandara e Zumbi dos Palmares, representando resistência e luta contra o sistema. A canção é uma imersão na vivência interna da artista, que

Luli MC posa para um ensaio fotográfico especial do álbum Pede Agô.



Fotos: Julliyus Pierre/ Divulgação



compartilha um momento de vulnerabilidade, ressoando a força de sua ancestralidade. Pede Agô não se limita à resistência. Luli explora temas como saúde mental e empoderamento feminino, especialmente no rap, um espaço ainda predominantemente masculino. Em “Coleira Cravejada, Pt.2”, a artista declara sua liberdade e a importância da sororidade, reforçando que o apoio entre as mulheres é fundamental, especialmente nas batalhas de rima, onde se destaca em Londrina.

A escolha dos beats tem papel crucial no conceito do álbum. Para o drill, o gênero mais pesado, Luli aborda questões raciais com intensidade lírica. No trap, o tom é mais leve, mas igualmente profundo, enquanto os afrobeats abrem espaço para a discussão sobre ansiedade e depressão, temas recorrentes no cotidiano da juventude negra e periférica. A combinação dessas sonoridades traz uma proposta inovadora, sem perder a essência do rap como veículo de transformação. Além das batalhas de rima, Luli tem ga-

nhado notoriedade nas redes sociais com rimas virais e vídeos que misturam humor e crítica social. Esse tom irreverente aparece também em “Louca Surtada”, onde a MC responde com deboche e sagacidade a provocações do cenário musical, mostrando que está pronta para qualquer confronto.

Com participações de peso, como o grupo Etnia Rap e o rapper Nego Petrus, Pede Agô vai além da música, sendo uma celebração da união entre artistas e das influências culturais que moldam o rap nacional. A capa do álbum, criada por uma equipe colaborativa, traz a simbologia de uma obra coletiva, refletindo o espírito de colaboração e ancestralidade que permeia o projeto.

Em Pede Agô, Luli pede licença para se expressar e deixar sua marca. O álbum não é apenas musical, mas um ato de resistência e conexão com suas raízes, uma obra que dialoga com o passado e o presente, e que será lembrada como um marco no rap feminino.

Proyekt



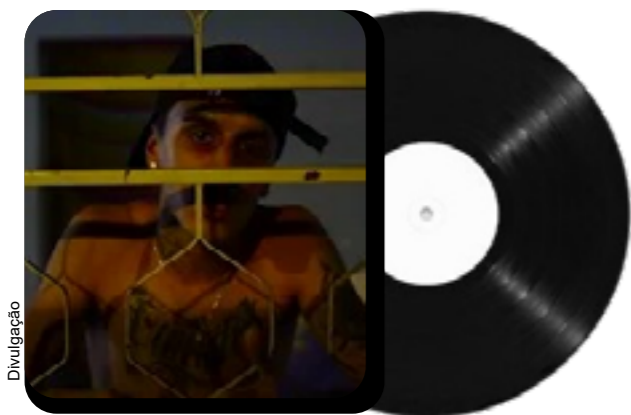
Divulgação

TE AMO LONDRINA 2

Uma declaração de amor e denúncia. Menor Npr expõe as desigualdades de Londrina, a violência e os desafios da periferia, contrastando realidades e buscando esperança para quem luta por reconhecimento.

Artista: Menor NPR
Lançamento: 2023

 [OUÇA NO YOUTUBE](#) 





Divulgação

PINDORAMA

Uma mensagem de superação e foco. Mellin reflete sobre os desafios sociais, a influência do crime e a importância da fé e do trabalho duro para transformar a realidade, sempre com a família em primeiro lugar.

Artista: Melin
Lançamento: 2024

 [OUÇA NO YOUTUBE](#) 



CRISES

A música "Crises", de Tuga MC, é uma composição intensa que aborda questões profundas como saúde mental, ansiedade e as batalhas emocionais. O artista reflete sobre a solidão, a busca por equilíbrio e a superação dos desafios cotidianos.

Artista: Tuga
Lançamento: 2020



BIGG COM 2 G

O álbum reúne 12 faixas de trap que abordam temas como superação, conquistas pessoais e os desafios do cotidiano na periferia. As músicas retratam a realidade de quem busca transformar dificuldades em vitórias, sem se desconectar de suas raízes.

Artista: Ohana Mob
Lançamento: 2023



QUESTÃO DE PODER

Uma crítica forte sobre a violência policial, a desigualdade e a realidade da favela. Família IML expõe o sistema opressor, o impacto do crime e a luta pela sobrevivência nas ruas, trazendo rimas que retratam a dura verdade das periferias.

Artista: Família IML
Lançamento: 2021

RAP
é
COMPROMISSO
NÃO É
VIAGEM